

***VAMOS COMEÇAR PELO INÍCIO, E NO
INÍCIO EU APRESENTO-ME.***

Sou a Mariana, tenho trinta e três anos, sou portuguesa e carrego tanto de sonhos como de histórias.

Embarca comigo neste turbilhão de emoções.

Aprendi de pequena que nunca se deve julgar um livro pela capa, ironicamente isso também se aplica aos humanos.

Vamos começar pela menina que nasceu no coração do Porto, datava o ano de 1991, foi numa quinta-feira supostamente feliz, era o primeiro filho daquele casal. Os meus pais casaram ainda jovens, eram outros tempos... E que belos tempos...

Morávamos numa casa pequenina, em Valbom, no mesmo terreno dos meus avós paternos. Ainda hoje sinto o cheiro do fogão a lenha, das galinhas, do lagar onde tantas vezes pisei as uvas com o meu querido avô. Lembro-me de todos os dias a minha querida avó sintonizar num rádio já velhinho uma emissora onde rezávamos o Pai Nosso juntos.

Tenho milhares de fotografias e leves memórias até ao dia do divórcio. Sim, teve um fim e eu tinha apenas quatro anos.

Tenho numa memória muito fresca uma bonequinha de pele negra que me foi oferecida e eu não a largava por nada.

O divórcio chegou. Eu não sabia o motivo, era pequena demais para entender essas confusões de “gente grande”. A separação deles na minha cabeça hoje em dia é tão nítida que parece surreal, mas a verdade é que todos os momentos intensos e marcantes ficam na nossa memória por mais novos que possamos ser.

Inicialmente fiquei a viver com a minha mãe no Porto, em casa da minha avó materna. Era uma casa muito compacta de dois andares. Tinha umas divisões minúsculas. Só para terem uma noção do quão pequena era, a casa de banho era na parte de fora da casa.

Falando desse tempo lembro-me das pombas, vinham dezenas por dia pousar ali. A minha avó e eu dávamos migalhas de pão todas as tardes, elas não tinham relógio, mas parecia. Outras vezes íamos a um lago, escapa-me o nome, dar pão aos patos.

Entrei na pré-escola, ficava na mesma rua da nossa casa, mas não tenho nenhuma memória relevante sobre os meus dias lá.

A minha avó tomava conta de mim enquanto a minha mãe ia trabalhar. Num desses dias um dos meus primos foi visitar a nossa avó. Ele era pouco mais velho do que eu. Durante a tarde fui com ele brincar para o pátio. Fiz nesse dia a minha primeira cicatriz. Rachei a testa, levei pontos e tenho-a bem visível até hoje.

Pouco mais tenho a recordar desses tempos e não consigo explicar por falhas na memória o motivo, mas sei que, entretanto, dei por mim a viver com os meus avós paternos.

Tinha um quartinho só para mim, comida na mesa, estabilidade emocional, tudo o que uma criança deve ter. Entrei para o ensino básico. O meu avô levava-me à escola, ensinou-me a andar de bicicleta, deixava-me ir com ele fazer a poda e pisar as uvas no nosso lagar, e mil e uma outras coisas que daria um parágrafo infinito. A minha avó preparava as refeições, ensinou-me a cuidar das galinhas e até a prepará-las para o jantar, vestia-me, dava-me banho, e mais um milhão de outras coisas cheias de amor. Fui feliz com eles e se pudesse eternizava-os na minha vida.

O terreno dos meus avós era relativamente grande, e nele também vivia uma das minhas tias, numa das casas.

Embora eu fosse muito novinha quando ela faleceu, sei perfeitamente o que senti quando ela partiu e tenho em viva memória o momento em que recebi a notícia. Era aquela tia que me fazia as vontades todas. E logo eu que detestava comer sopa, mas com ela comia. Podia fazer sol ou chuva, lá estávamos nós sentadas no muro e eu com os pés dentro de uma bacia com água. Só comia a sopa assim, porquê? Não sei. Mas entre contos e dias em que ela tinha um prato numa mão e um guarda-chuva na outra fomos felizes juntas.

Na parte de trás do terreno tínhamos uma casa que apelidávamos de “casa velha”. Era onde se estendia, lavava e passava a roupa a ferro. Era também o sítio onde uma outra tia fazia uns arranjos de costura. Passei lá uns bons dias e um par de horas com ela. A memória mais bonita que tenho é de um vestido feito pela minha tia para eu usar no desfile de carnaval da escola. Estão a imaginar o vestido da Cinderela com aqueles brilhantes todos? Era muito idêntico. Era único, aquele tinha sido feito à minha medida e especialmente para mim.

Os meus avós tinham uma capela pequenina ao lado de casa, ainda existe. Na altura, e enquanto vivi com

os meus avós, ia todos os dias acender o pavio com a minha avó. Às vezes deixavam lá moedas, escudos na altura, e com esse dinheiro a minha avó comprava o azeite e os pavios. Foi bonito viver com eles. No fundo acabaram por ser meus pais também.

As minhas noções de tempo nem sempre são exatas e eu quis escrever este livro com as minhas memórias e não a questionar a minha família sobre isto ou aquilo.

Dou por mim estava a viver com a minha mãe. Era uma casa pequenina, em Vila Nova de Gaia.

Ela tinha um emprego e não passava muito tempo comigo, tinha na altura uma ama, que era nossa vizinha. Mas também sem trabalho ela não pagava as contas, eram sacrifícios como tantas outras mães desse tempo e deste. Nesta fase não me lembro muito da minha proximidade com o meu pai. Não me lembro com que frequência estava com ele. Foi uma fase em que além de viver um ano numa casa e outro noutra eu era demasiado pequena para colecionar tantas recordações de uma vez só.

Lembro-me de entrar pela primeira vez na casa dele, juntamente com a namorada, que é hoje em dia esposa, em Santa Maria da Feira. Conheci e comecei a conviver também com a filha dela, pouco mais velha do que eu, que considero hoje em dia uma irmã mais velha.